



Interfaces entre comunicação e informação: dos processos às ciências¹

Lorena Rúbia Pereira CAMINHAS²

Juçara Gorski BRITTES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, MG

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir as proximidades e paridades entre a comunicação e a informação, entendidas, por um lado, como processos faseados e, por outro, como áreas da ciência. Desta forma, visamos perceber de que maneira os processos de comunicação e informação se tangenciam e em que medida se pode considerar a informação e a comunicação como processos complementares. Pensadas como ramos das ciências, buscou-se entender se há compartilhamento entre ciências da informação e ciências da comunicação de referências, modelos e conceitos, e identificar a existência de semelhanças em seus percursos teóricos.

Palavras-chave

Ciência; Comunicação; Informação; Interfaces da comunicação

Introdução

A ciência da informação e a ciência da comunicação são campos do conhecimento atravessados por abordagens de outras disciplinas, estando seus conceitos envoltos em uma esfera interdisciplinar. (RIBEIRO e SILVA, 2002; PRADO, 2003). Pensar as interfaces destas disciplinas científicas com outras áreas de estudo têm sido de suma importância para perceber quais as contribuições, vinculações e encadeamentos advindos dessas interconexões. Reconhece-se que a contribuição de outras disciplinas fornece teorias e perspectivas necessárias, sendo, contudo, imperativo atentar para as articulações de um fornecimento específico, sendo indispensável um estudo pormenorizado da disciplina da interface. (PRADO, 2003; BRAGA, 2011).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista de Iniciação Científica no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e integrante do Grupo de Pesquisa “Plataformas midiáticas, informação e opinião”. Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFOP, email: lorenarubiaperereira@gmail.com

³ Orientadora do Projeto de IC PIBIC/CNPq denominado “Análise do Conceito de Informação em Estudos de Comunicação: avaliação e descrição das mutações no conceito provocadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)”. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFOP, email: jubrittes@gmail.com



Considerando a ciência da informação uma área tangente à ciência da comunicação, propõe-se uma investigação de suas conexões, na tentativa de explicar as possibilidades de se considerar a comunicação e a informação como áreas em diálogo. Para se pensar nas trocas efetuadas entre as duas disciplinas é preciso delimitar em que pontos estas adjacências se encerram.

As proximidades entre comunicação e informação foram sendo delineadas ao longo de trabalhos anteriores⁴, em que nos perguntamos o que é a informação para os estudos da comunicação, ou seja, como a informação esteve colocada no bojo das teorias de referência concernentes à comunicação. Como resposta parcial as primeiras indagações sobre as proximidades destes campos do conhecimento obtiveram-se, a partir da delimitação de categorias de análise, alguns temas de estudo da comunicação para os quais a informação era algo essencial, identificados como Comunicação de massa, efeitos e influências; Comunicação de massa e construção de significados; Comunicação de massa e meios de comunicação; Comunicação de massa, cultura e sociedade e Teoria Matemática da Comunicação.

Dentro destas categorias a informação se figurava de modos distintos, revelando diferentes conexões entre informação e comunicação. Na primeira categoria a informação estava arrolada a sua dimensão de admissão de conhecimento, se configurando como material primordial na tomada de decisões e, conseqüentemente, influenciando o comportamento. Para a segunda, a relação mais direta é a sua representação em formas de símbolos e signos: “a informação é o próprio significado; ela é o significado para o sujeito que experimenta a ação de ser/estar/ficar informado” (ILHARCO, 2003, p. 48).

Na terceira, corresponde a sua possibilidade de inscrição em um suporte físico, registrada em suporte técnico/tecnológico. Para a quarta, a componente informacional correspondente é a da interação sujeito-mundo-sujeito, em que satisfaz a toda matéria de troca socialmente constituída; se configura como a interação dos sujeitos no mundo e a posiciona como objeto de sentido convencionalizado atribuído pelos seres humanos.

A última proposta, a Teoria Matemática da Comunicação, é herdeira da perspectiva cibernética e sistêmica e desenvolve seu próprio conceito de informação,

⁴ Projeto de iniciação científica sob o título “Análise do Conceito de Informação em Estudos de Comunicação: avaliação e descrição das mutações no conceito provocadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica/CNPq da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).



que está em consonância com as características de contingência e imprevisibilidade do conceito: “debruça-se sobre a estrutura de sinais sem considerar os significados que eles possam ter, concentrando-se de um ponto de vista da engenharia da informação no problema de selecionar a mensagem certa.” (ILHARCO, 2003, p. 53).

Após a realização deste primeiro estudo nos são colocadas as seguintes questões: em que medida é pertinente pensar as interfaces entre comunicação e informação? Quais são as proximidades entre ciência da informação e da comunicação? Em que medida elas se tangenciam? E os conceitos envolvidos, de que forma eles estão colocados? Chegado a este ponto da análise entre as áreas da comunicação e informação, basta nos indagar qual a pertinência de tratar os dois conceitos como correlatos e como é possível uma aproximação entre ciências da comunicação e informação, tentando buscar a constituição destas disciplinas.

No presente trabalho demarcaram-se os conceitos de informação e de comunicação, bem como os percursos teóricos seguidos por ambas as disciplinas como possíveis pontos de encontro entre elas. Ao tentar elucidar como ocorrem estas interfaces, adotou-se a demarcação de períodos históricos e de desenvolvimento dos conceitos relativos às estas áreas científicas à partir da consulta aos manuais de ciência da comunicação e de ciência da informação. Para essa composição, foram escolhidos os livros a partir de uma seleção de autores recorrentes no estudo sobre história destas ciências. Os manuais de Teorias da Comunicação selecionados foram: MATTELART e MATTELART, 1999; RÜDIGER, 2004; MARQUES DE MELO, 2003; DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993; TRINTA e POLISTCHUK, 2003; HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2008; DALLA COSTA, MACHADO e SIQUEIRA, 2006; DEFLEUR, 1976; COHN, 1977 e WOLF, 1985. Os concernentes à Ciência da informação foram: RIBEIRO e SILVA, 2002; LE COADIC, 1996; ILHARCO, 2003 e SERRA, 2003.

Breve panorama histórico da ciência da comunicação e da ciência da informação

A comunicação, enquanto estudo científico, ganha legitimidade no século XX em consequência do impacto das tecnologias de comunicação surgidas entre os séculos XVIII e XIX. As primeiras teorizações sobre a comunicação vieram de um corpo heterogêneo de proposições advindas da psicologia, sociologia e antropologia, cada qual com um olhar e materiais metodológicos específicos, gerando posições divergentes e



diversificadas. Estes estudos começaram, sobretudo, com a preocupação de entender os impactos das tecnologias na sociedade, pensando no intercâmbio de mensagens praticado mediante aparato tecnológico.

Nos Estados Unidos aparecem os estudos do *Mass communication research*, onde foram desenvolvidas as primeiras teorizações sobre a comunicação seguindo-se o modelo da Teoria hipodérmica. Esta teoria, tomada das ciências sociais nascentes, se preocupava em descrever os efeitos dos primeiros meios de comunicação de massa sobre seus receptores, considerando-se como modelo estrutural o par estímulo-resposta (E-R). (WOLF, 1999; DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993).

No início das pesquisas sobressaltava-se a clivagem entre pesquisa administrativa, realizada pelo *Mass communication research*, e a pesquisa crítica desenvolvida na Europa, tendo como expoente a noção de indústria cultural cunhada por Adorno e Horkheimer (WOLF, 1999). A pesquisa administrativa preocupava-se com contingências imediatas do processo de comunicação, pensadas a partir da concepção de sociedade de massa e cultura de massa, conceitos basilares para a pesquisa crítica, que se ocupava de denunciar o valor de mercadoria assumido pelos produtos da indústria cultural que seguiam o princípio de comercialização.

Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, países nos quais o estudo das comunicações de massa tomou forma, o desenvolvimento das pesquisas se deu a partir da utilização da estrutura inicial (E-R) e, à medida que se avançavam as teorizações da sociologia e psicologia, ciências que forneciam as bases teóricas iniciais para se pensar a comunicação, iam aparecendo outras variáveis para serem enquadradas no escopo das Teorias da Comunicação. (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993). Além disso, de acordo com Mauro Wolf (1999), desponta nos estudos da comunicação a necessidade de uma abordagem variada, a partir do que se iniciam as pesquisas sobre as influências das comunicações de massa.

À medida que a complexidade das trocas comunicativas e o refinamento dos meios de comunicação se tornaram visíveis, os estudos sobre os efeitos tomaram novos rumos e começaram a seguir o caminho dos efeitos em longo prazo. Estas primeiras perspectivas abriram caminho para numerosas hipóteses, que se proliferaram alargando o estudo da comunicação para processos mais amplos e não somente a troca de mensagens através de uma mediação.

As pesquisas se ramificaram para estudos da cultura e das trocas na sociedade, e a comunicação pôde ser pensada como um processo de trocas de mensagens mais



amplas, relegando aos meios de comunicação a função de facilitador do processo. Perspectivas que iam se alargando, mas antes ignoradas no seio dos estudos, foram sendo retomadas, como as proposições da Escola de Chicago e de Palo Alto. Outros enfoques desenvolvidos no âmbito das pesquisas foram os Estudos Culturais, largamente desenvolvido na América Latina e, mais recentemente, os estudos sobre comunicação mediada por computador. (MATTELART e MATTELART, 1999).

Passando-se para o percurso histórico da ciência da informação, evidencia-se que a informação, oficialmente nascida enquanto objeto de estudo pós Segunda Guerra Mundial, se faz presente em diversos campos do conhecimento, estando seu conceito envolto em uma esfera interdisciplinar (RIBEIRO e SILVA, 2002). Herdeira da documentação, prática de organização da informação, a ciência da informação nasceu preocupada com a elucidação dos procedimentos de construção, comunicação e uso da informação. (LE COADIC, 1996). Não obstante, ela tem origem na mesma preocupação com as questões dos suportes técnicos que possibilitam sua inscrição e difusão, sendo desenvolvidas, posteriormente, preocupações sobre as questões sociais que envolviam o uso e difusão de informação, o que provocou uma busca por entender este conceito.

No final do século XIX já estavam se consolidando algumas disciplinas que se ativeram a estudar a informação, como a biblioteconomia e a documentação. A ciência da informação só se oficializa no pós Segunda Guerra, mas abriga, contudo, muitos dos conceitos e práticas pensadas no século XVII, principalmente as propostas de Paul Otlet, que tentou desenvolver um sistema de classificação para o conhecimento existente, buscando a afirmação da documentação.

O desenvolvimento tecnológico acontecido após a Segunda Guerra Mundial colocou novos imperativos para a documentação e afetou enormemente a sua estrutura. O fenômeno da “explosão da informação”, crescimento da produção e uso de documentos, se colocou para a documentação, que viu seu campo de atuação alargado. “O fenômeno da documentação não se restringia a contextos e a categorias de profissionais específicos, mas sim uma vasta área que envolvia todos os que lidavam com a informação, nos mais diversos suportes” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 50).

O marco mais expressivo que determina a passagem da documentação à ciência da informação foi a *International Conference on Scientific Information* em 1958, no qual o termo *information science* foi usado pela primeira vez. Nos anos 60 a expressão “ciência da informação” já estava completamente imposta “como designação do estudo



do conhecimento registrado e sua transferência no sentido mais lato” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 52).

As primeiras disciplinas que pensaram a informação se ativeram aos suportes e ao processamento da informação e não na elucidação do conceito em si. Le Coadic (1996) aponta que as ciências iniciais preocupadas com a informação nem sempre conseguiram dominá-la e trabalhá-la por se aterem ao suporte e não em seu valor ontológico. De acordo com o autor, o nascimento da ciência da informação está sobe a égide de uma tríplice influência: desenvolvimento da produção e necessidade das informações científicas e técnicas; aparecimentos de novos setores da indústria da informação, e o surgimento de tecnologias que trabalharam com a informação pura, o que direcionou os estudos para a tecnologia, organização e difusão da informação.

A ciência da informação nasce com o intuito de definir um problema social, o da informação, pensando-se nos indivíduos que procedem às trocas a partir dela. A partir daí, há tentativas de definir o que é a informação na e para a sociedade, buscando sua relação com o conhecimento e a comunicação. Formulado o problema da informação nestes termos, esta ciência recebeu contribuições de diversas áreas, como da psicologia, sociologia, economia, linguística, matemática, a lógica, a filosofia, etc. (LE COADIC, 1996), que possibilitaram um alargamento do campo de atuação da informação.

As ciências da Comunicação e da Informação: proximidades

Ciência da comunicação e ciência da informação, ambas oficialmente nascidas no século XX, estão englobadas no bojo das ciências sociais e nasceram de necessidades práticas de compreensão dos fenômenos de comunicação e informação. Das contingências práticas surgiram necessidades teóricas amplas, na tentativa de compreender como estes processos se inseriram na sociedade e na cultura e como os indivíduos participavam e se apropriavam deles. A partir disso, tornou-se necessário elucidar os conceitos de informação e comunicação, de forma a ampliar seu entendimento e delimitar o campo de atuação das disciplinas.

Ambas as ciências foram influenciadas por perspectivas da sociologia, psicologia, filosofia, dentre outras áreas, sendo que, por terem surgido no mesmo século, obtiveram os mesmos paradigmas e referências, compartilhando modelos e conceitos. Além disso, a preocupação concernente ao fenômeno comunicacional e ao informacional foi adotada pelas duas disciplinas.



Como mostra Armando Silva e Fernanda Ribeiro (2002), a informação sempre foi concebida a partir do imperativo de sua transmissão, tornando essencial a delimitação da comunicação para a informação, principalmente quando se assenta a informação social. Para a ciência da informação, a comunicação foi entendida como um processo que está em potência, se atualizando somente quando há interação entre indivíduos, em que o material das trocas seria a informação. Assim a comunicação é definida como “interação social através de mensagens” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 29).

No desenvolvimento da ciência da comunicação houve uma viragem crescente para os estudos da informação (WOLF, 1999). No início das pesquisas em comunicação, o primeiro modelo comunicacional foi o Claude Shannon e Warren Weaver, em que aparece o conceito de informação em destaque. Considerando-se os demais modelos comunicacionais apontados por Mauro Wolf (1999)⁵, percebe-se que em todos aparece o vocábulo informação, que não é mais somente considerado como uma medida estatística; neste momento, coloca-se à comunicação a questão da atribuição do sentido da informação. Apesar de a informação aparecer de forma proeminente nestes três modelos de comunicação, outras teorias e hipóteses a tomaram como objeto de estudo. Representantes da Escola de Palo Alto, como Gregory Bateson, ampliaram as significações da informação dentro do campo da comunicação. (WINKIN, 1998; CENTENO, 2009). O estruturalismo e várias das teorias linguísticas que pensaram a comunicação também se preocuparam com a informação. (MATTELART e MATTELART, 1999).

Para elucidar os contornos das referências partilhadas pela ciência da comunicação e ciência da informação aponta-se, em primeiro plano, a Teoria Matemática da comunicação. A teoria de Shannon e Weaver proporcionou uma viragem na forma de se entender a informação. Esta proposição dissocia a questão do sentido da informação, determinando que a informação seja independente do sentido. Para estes teóricos, a informação é uma medida da liberdade de escolha ao selecionarmos uma mensagem. Desta forma, não seriam as mensagens individuais que qualificariam a informação, mas em unidades de informação, entendida como uma quantidade

⁵ São eles o modelo semiótico-informacional e o modelo semiótico-textual.



mensurável, que se relaciona a parte estatística das mensagens. (SERRA, 2003; WEAVER, 1971).

A teoria matemática influenciou diretamente os estudos em comunicação. Apropriada no contexto dos primeiros estudos desenvolvidos no *Mass communication research*, ela considerava a comunicação um processo linear, composto por uma fonte de informação, um transmissor, um canal, um receptor e um destino. Completamente assente na perspectiva da teoria hipodérmica, ela forneceu subsídios para as primeiras pesquisas em comunicação. (WOLF, 1999; MATTELART e MATTELART, 1999; RÜDIGER, 2004). Definido por Yves Winkin (1998) como modelo telegráfico, esse processo de transmissão de sinal preocupava-se em quantificar a quantidade de informação que chegava ao destino, dirigindo-se aos aspectos puramente técnicos da comunicação, um processo de codificação e decodificação de mensagens. (WEAVER, 1971).

Outra contribuição teórica concernente aos estudos da informação e da comunicação é a perspectiva cibernético-sistêmica desenvolvida por Norbert Wiener. Ela propõe um modelo interativo e dinâmico, que considera a circulação de informação um mecanismo de organização em que os sistemas contrariam a tendência à entropia. Neste modelo a comunicação também aparece, sendo ela dinâmica e bidirecional, entendida a partir do mecanismo de *feedback*. (WIENER, 1954). A realimentação é um dispositivo de controle do sistema, que impede a tendência à entropia. A informação e a comunicação são consideradas, portanto, como mecanismos de organização dos sistemas, que se constroem a partir da aprendizagem, de maneira que há modificação de padrões conforme experiências passadas. (SERRA, 2003).

Para a teoria desenvolvida por Wiener, a informação ainda continua dissociada da questão do sentido, sendo considerada como um mecanismo de regulação que mantém a homeostasia do sistema. A “Informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos como o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido.” (WIENER, 1954, p. 17). A comunicação é pensada através da comparação entre máquinas e seres humanos, um processo circular, composto de *inputs* e *outputs* que, mediante a informação e o *feedback*, é responsável pela aprendizagem.

Na esteira da perspectiva cibernético-sistêmica a “Nova Comunicação” também contribui para os estudos na área da comunicação e informação. Ela forneceu subsídios para o entendimento de ambos os fenômenos e alargou o campo de atuação das



proposições da cibernética. A atribuição de um sentido para a informação e a determinação de algumas peculiares da comunicação, para as quais se identificam um modelo orquestral da comunicação, foram contribuições proporcionadas por estes estudos.

Para os teóricos desta Escola, a comunicação é a integração de modos de comportamento entendidos como elementos retidos da cultura que se tornam significativos para a sociedade. A seleção e organização destes comportamentos vão fornecer os códigos de conduta que compõem a comunicação. Como consequência, não se pode não comunicar, uma vez que a comunicação integra modos de comportamento. (WINKIN, 1998). A principal contribuição desta escola para a informação é a teorização de Gregory Bateson, em que o fenômeno informacional é considerado como uma identificação entre algo que está na mente do indivíduo e algo exterior, num processo de alteração das representações. (CENTENO, 2009).

A proposta do modelo semiótico também se dá em ambas as ciências. Para a informação, James Beniger denomina modelo semiótico ao estudo da informação que se preocupa em desvendar seu sentido intrínseco. O processo informacional funciona como um processo de significação que exige uma resposta interpretativa do destinatário. Desta forma, seria necessário entender que o sentido não faz parte da informação em si, mas que é a partir da interpretação que o homem atribua sentido a ela. (SERRA, 2003).

Para a comunicação, o modelo semiótico-informacional se ateu aos problemas concernentes aos significados para o processo de comunicação. A novidade que este modelo apresenta é o conceito de código, que é aderido à linearidade da transmissão. Passa a ter relevância a tentativa de entender como o público atribui sentido às mensagens que recebe dos media. Ela privilegia a análise das mensagens, dos códigos e da estrutura comunicativa. O semiótico-textual enfatiza a ação interpretativa realizada sobre as mensagens, considerando-se que a relação comunicativa é construída junto às práticas textuais. As mensagens não são mais vistas como um conjunto de códigos reconhecíveis pelo receptor, mas práticas textuais que possibilitam o reconhecimento de regras de padrões culturais. A questão da dissimetria entre emissor e receptor é posta em causa a favor do reconhecimento de trocas horizontais entre os atores da comunicação. (WOLF, 1999).

A teoria crítica e a noção de indústria cultural cunhada por Adorno e Horkheimer estão presentes em ambas as ciências. De acordo com ela, os produtos culturais foram sendo paulatinamente transformados em informação, em simulacro da



cultura. A informação é vista como substituto da experiência da cultura, uma realidade em segunda mão que substitui a experiência em si mesma. Ela é vista como um substituto para a reflexão e penetração intelectual. É a anulação da cultura. A comunicação é pensada ainda tendo como base o modelo linear da teoria hipodérmica, formada pelo par estímulo-resposta. O mercado impõe uma padronização e organização dos bens culturais, de modo que o gosto do público é determinado por estereótipos e baixa qualidade. A mídia de massa se configura como uma componente deste mercado, na busca do domínio do gosto do público (WOLF, 1999; ADORNO, 1971).

O advento das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) colocou novas significações a comunicação e a informação. Para o tempo do conhecimento interativo, Aldo Barreto (2002) aponta que o conhecimento atinge novo *status* com a Internet e a *world wide web*, que modificam as formas de elaborar o conhecimento, devido à mudança no tempo e no espaço de sua passagem. A velocidade das trocas e nos estoques é elevada, ao passo de fundar um espaço real de conhecimento interativo.

André Lemos (2008) entende que as TICs afetam o conhecimento e o modo de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizada dos *mass media*. Esta nova estrutura técnica proporciona um tipo de interação que imita a conversa face a face, com a diferença de que a passagem da informação ocorre de todos-para-todos.

Comunicação e Informação: processos em diálogo

A Informação, enquanto conceito, é considerada um processo faseado, envolvendo a expressão de ideias, que consiste nas etapas de seleção, organização, transmissão e interiorização. Ela é conhecimento inscrito em suporte físico, que se apresenta na forma escrita, oral, visual. “É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal” (LE COADIC, 1996, p. 5). Vista desta forma, ela é entendida como uma entidade física e psíquica, que convoca um processo de transmissão para ser apreendida.

Um ponto problemático nesta proposta conceitual é esquecer-se de situar de que maneira um dado evento ou fenômeno se transforma em material simbólico significativo, que é passível de ser adotado por uma comunidade ou grupo. É exatamente este último tópico, quanto ao significado da informação, que torna possível vislumbrar um diálogo entre comunicação e informação.

Alargando o campo de atuação do conceito, Armando Silva e Fernanda Ribeiro (2002) propõem que a informação é sempre social e parte da experiência de pessoas ou grupos, sendo ela o material na troca de ideias na sociedade. A partir desta configuração, pode-se considerar que é impossível dissociar informação de transmissão, uma vez que ela está situada “entre o sujeito individual que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunica entre si.” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 23).

A transmissão da informação passa, pois, por duas etapas: a recuperação das ideias memorizadas e a produção de representações para a expressão destas ideias. É um processo dinâmico e circular, que envolve processos cognitivos e representações estruturadas. Quando ocorre esta ação, a informação não é apenas adicionada ao conjunto de saberes dos sujeitos; ela provoca um ajustamento na estrutura do conhecimento, alterando as representações mentais. (SERRA, 2003; RIBEIRO e SILVA, 2002).

A informação apresenta-se de duas maneiras possíveis: em estado puro, é mental e circulando no meio social é conhecimento público. A informação consolidada é aquela que, em sua dimensão social, impõe-se como o conhecimento público expresso. É um “processo faseado e complexo, que convoca a comunicação enquanto processo fundamental” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 35). Ela tem conexão explícita com o conhecimento, de forma que a informação é o conhecimento explícito do sujeito, passível de comunicação.

Paulo Serra (2003) aponta que a informação se constitui como tal a partir do momento em que ela possui significado simbólico para a sociedade. A atribuição de sentido à informação está ligada a dois fatores: a) ela deve ser essencialmente pragmática, ligada a interação dos homens entre si e com as coisas e b) intersubjetiva, que toma forma na interação dos sujeitos em uma comunidade.

Entendida desta forma, ela implica um efeito ontológico ou de realidade, em que configura e simula esta realidade e um efeito pragmático ou de ação, em que uma informação específica, e somente ela, leva aos homens a se constituírem e a agirem de determinada maneira.

A peculiaridade da informação é que ela se configura como uma experiência em segunda mão, é uma mediação, um enunciado que participa do processo de comunicação. “Ora, é precisamente este enunciado indefinidamente partilhável e



repetível na ausência da experiência da coisa que constitui a informação.” (SERRA, 2003, p. 218).

A informação é entendida como uma busca de congruência entre os pensamentos e o exterior. É a tradução interior dos acontecimentos; uma mediação entre as coisas/objetos do mundo exterior e a codificação desta coisa/objeto. (CENTENO, 2009). Ela é um processo mental de reconhecimento e codificação dos acontecimentos; mediação entre o material apreendido e as formulações mentais.

Como expressão geral que unifica o conceito de informação, apropria-se da sugestão de Gregory Bateson em que a informação é “a diferença que faz a diferença”. A primeira diferença expressa neste conceito é entendida como um evento, um fenômeno ou manifestação no mundo que se destaca e é percebido. A segunda diferença diz respeito às mudanças na estrutura cognitiva do sujeito que percebe a informação. Nesta segunda etapa, o indivíduo incorpora a informação, que passa a fazer parte de seu estoque pessoal, como conhecimento.

A partir deste quadro conceitual, a comunicação pode ser entendida como o processo que faz circular a informação na sociedade e auxilia as atividades de recepção, organização e interiorização, que possibilita a informação ser considerada relevante, interiorizada e transformada em conhecimento. Pensando a comunicação e a informação como processos correlatos, Gregory Bateson vai afirmar que na sociedade as trocas são feitas através da informação, sendo a comunicação o mediador da interação entre indivíduos. “O conceito que o homem detém do mundo é adquirido através da interação social e da comunicação;” (CENTENO, 2009, p. 36).

Pode-se adotar a comunicação como uma categoria sociológica, um processo de relacionamento primário entre os seres humanos de trocas simbólicas que capacita os homens a se relacionarem entre si. (RUDIGER, 2004). É entendida como uma ação intencional exercida sobre outros indivíduos que, através dela, vão partilhar a mesma informação ou “um mesmo objeto de consciência, ela exprime uma relação entre consciências.” (MARTINO, 2001, p. 15).

A comunicação é todo comportamento em interação, uma vez que todo comportamento transmite uma mensagem. É um ato consciente e voluntário, composto por regularidades, em que os participantes da interação são afetados mutuamente. Assim considerada, assume o significado de “pôr em comum, participação, comunhão” (WINKIN, 1998, p. 34).



Em suma, é um processo social de produção e compartilhamento de sentidos a partir da materialização de formas simbólicas. (FRANÇA, 2001). A comunicação é um processo de percepção e interpretação do comportamento de outrem além de uma ação de expressão de si mesmo.

Considerações finais

Ao longo do trabalho propôs-se uma reflexão sobre as fronteiras entre comunicação e informação, entendidas como duas ciências sociais e como dois conceitos que estão envoltos numa esfera interdisciplinar. Enfatizou-se que para a delimitação de interfaces entre duas disciplinas científicas é preciso critérios de demarcação para se saber em que ponto e em que medida estas interfaces se dão. Ao selecionarmos os percursos históricos do desenvolvimento das teorias e as conceituações concedidas aos termos delimitou-se a área de atuação para a reflexão e, ao fim, foi possível detectar as proximidades entre informação e comunicação.

No tocante à evolução histórica das disciplinas, demarcaram-se como fronteiriças as pesquisas que estiveram presentes no início dos estudos destas áreas, que corresponde à teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver. Acompanhando o desenvolvimento destas ciências, a cibernética e a Nova Comunicação demarcam outro ponto de tangência entre elas, trabalhando conjuntamente com os fenômenos de informação e comunicação, entendidos numa dinâmica unívoca.

A semiótica também perpassa as fronteiras entre comunicação e informação, estudando-as como processos complementares, buscando entender o processo de significação e circulação das mensagens. Outra interface é a teoria crítica, da qual foi apropriado o conceito de indústria cultural, entendido em ambas as disciplinas como o processo através do qual a indústria transformou os bens culturais em informação, impondo produtos estandardizados. Neste contexto, os *media* seriam a indústria que propagaria os produtos transformados em informação.

Atualmente, as preocupações com as novas tecnologias de informação e comunicação conferiram novos contornos para se pensar comunicação e informação, devido à instantaneidade, formas de memorização e estocagem da informação e das interações que proporciona, consideradas como simulação da interação face a face, e a



passagem da informação “todos-para-todos” proporcionada pelos computadores em rede.

Em termos conceituais, a principal interseção entre informação e comunicação se dá na demarcação dos processos, sendo a comunicação uma interação através de séries de mensagens trocadas, entendida como uma unidade de comportamento, enquanto a informação é entendida como a representação efetivada pelo sujeito entre um evento ou acontecimento para seu estoque pessoal de conhecimento. Entendidos desta maneira, a comunicação é o processo permanente de trocas na sociedade e a informação é o material simbólico que compõe a dinâmica de troca, fornecendo subsídios para a apreensão da expressão de si ou de outrem.

Ao fim do trabalho, considera-se que as interfaces entre comunicação e informação acontecem em três instâncias: dependência, mediação e intervenção (STUMPF e WEBER, 2003), uma vez que tanto o processo quanto as abordagens conceituais, além de apenas se entrecortarem, participam de um processo unificado que ocorre na sociedade, sem as distinções apontadas por este trabalho, em que a informação e comunicação se afetam mutuamente e não ocorrem em separado. Em suma, ambos os processos “determinam o acesso às coisas do mundo, assim como indicam como a ele pertencer, num processo permanente de tornar visíveis os acontecimentos, as coisas e os sujeitos.” (STUMPF e WEBER, 2003, p. 122).

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, G (org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- BARRETO, Aldo de A. A condição da informação. In: *São Paulo Perspectiva*, 2002, vol.16, n.3, pp. 67-74. Acessado em 07/05/2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13563.pdf>
- BRAGA, José L. Constituição do campo da comunicação. In: *Verso e Reverso*. São Leopoldo, vol. XXV, nº 58, jan/abril 2001.
- CENTENO, Maria J. *O conceito de comunicação na obra de Bateson – interação e regulação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.
- DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993.
- FRANÇA, Vera V. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. C. *Teorias da comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.



ILHARCO, Fernando. *Filosofia da informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 4º ed., 2008.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. C. *Teorias da comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

PRADO, José L. A. O campo da comunicação e a comunicação entre os campos na era da globalização. In: LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

RIBEIRO, Fernanda e SILVA, Armando M. da. *Das “ciências” Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores*. São Paulo: Edicon, 2004, 4ª Ed.

SERRA, Paulo. *Informação e sentido – o estatuto epistemológico da informação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

STUMPF, I. R; WEBER, M. H. Comunicação e informação: conflitos e convergências. In: LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

THOMPSON, John B. *A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEAVER, Warren. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, G (org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade – o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1954.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.